

FERNANDO PESSOA

ODES ESCOLHIDAS DE  
RICARDO REIS

*edição*

FERNANDO CABRAL MARTINS

RICHARD ZENITH

ASSÍRIO & ALVIM

## PREFÁCIO

Fernando Pessoa pensou arrumar as odes de Ricardo Reis em vários «livros», e organizou, para o primeiro número de *Athena*, de outubro de 1924, da qual era diretor literário, um «Livro Primeiro» com vinte odes, que abre esta antologia. Embora tivesse publicado apenas algumas odes soltas nos anos seguintes, dentre as mais de duas centenas que escreveu, manteve viva a ambição de construir unidades poéticas maiores.

É que Ricardo Reis é o heterónimo de feição clássica, herdeiro de uma tradição milenar de poesia e representando qualquer coisa como um segundo Renascimento contemporâneo. Num retrato dos primeiros tempos é dado como professor de latim num colégio americano<sup>1</sup>, e a Carta sobre a Génese dos Heterónimos traça-lhe o retrato definitivo: nascido em 1887 no Porto, educado num colégio de jesuítas, latinista por educação alheia e semi-helenista por educação própria, é médico de profissão, vivendo no Brasil desde 1919, para onde «se expatriou espontaneamente por ser monárquico». E a mesma carta compara-o fisicamente com o Mestre Caeiro: «é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mais seco. De resto, é de um vago moreno mate»<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> *Páginas Íntimas*, p. 332.

<sup>2</sup> *Teoria da Heteronímia*, pp. 277-278.

A relação que Ricardo Reis estabelece com Alberto Caeiro, o Mestre, é a coluna vertebral da ficção dos heterónimos, que Pessoa inventa e desenha na primavera de 1914. Ele é o discípulo improvável e a demonstração viva da capacidade inspiradora do Mestre. É, ao mesmo tempo, radicalmente diferente dele e uma variação sobre os seus temas e a sua atitude.

Na verdade, Ricardo Reis é, do ponto de vista formal, discípulo de Horácio, ao ponto de usar os próprios nomes das interlocutoras femininas das odes do poeta latino: Lídia, Cloe, Neera. Assim, Ricardo Reis faz a paródia ou a reencenação de Horácio, e torna-se um «agente especial» da paixão classicista de Pessoa, ele mesmo educado no conhecimento dos clássicos. Paixão essa que, aliás, chega a tomar a elaborada forma de uma teoria do Neopaganismo, a cuja concepção faz com que se dedique, ao longo de uma obra tão extensa quanto fragmentária, o heterónimo filósofo António Mora. Mas dessa mesma atitude neoclássica relevam também, por exemplo, a reiterada defesa pública do «helénico» António Botto, seu amigo e poeta modernista na vida real, ou as traduções «Da Antologia Grega» que publica na *Athena* — revista cujo nome, como o próprio nome de *Orpheu*, sugerem essa tradição fundamental.

De qualquer modo, Ricardo Reis escolhe zonas bem determinadas do pensamento grego, as do Epicurismo e do Estoicismo, cuja atitude é materialista como a do Mestre Caeiro, e que valorizam, como ele, a sensação e o corpo.

Ricardo Reis é o poeta heterónimo em que, de uma forma mais óbvia, o estilo é pátria e identidade. Leia-se a ode de abertura do «Livro Primeiro», que formula o claro triunfo da poesia

sobre a morte: «Seguro assento na coluna firme / Dos versos em que fico». A resistência à passagem do tempo mostra-se uma qualidade comum aos deuses e à poesia.

A sua última ode, datada de 13-11-1935, «Vivem em nós inúmeros», é uma das mais fortes e complexas que escreveu. Nela analisa os modos de existência subjetiva de uma multiplicidade de Eus, de «almas», de «impulsos cruzados». Tal como o Neopaganismo promove o «regresso dos deuses» antigos, a própria ideia de multiplicidade modernista é aqui essencial. Os deuses pagãos são como que uma colonização do espaço sagrado. Vê-se, assim, como uma experiência psíquica moderna pode ser metaforizada pela mitologia clássica.

Uma interpretação meta-poética deste poema é inevitável. De modo semelhante ao que lemos em Álvaro de Campos, a dispersão do sujeito em Ricardo Reis é um microcosmo da heteronímia. Esta proliferação de almas-eus é homóloga à das dezenas de *dramatis personae* em que Pessoa se desdobra, com a diferença simples de que ele inventa para elas nomes, personalidades e obras. Torna-se, assim, a condição de possibilidade da heteronímia.

Outro modelo do múltiplo é de ordem filosófica, e tem a ver com o niilismo que se encontra formulado numa outra ode, a que começa por «Nada fica de nada. Nada somos», e termina pelo verso «Somos contos contando contos, nada». A ideia de que tudo acaba, de que tudo é e há de ser nada, abre os limites que desenhavam a identidade e dispersa em muitos o Eu que sente ou pensa.

A dimensão narrativa — quer a dos «contos contando contos» quer a da mitologia — vem ocupar grande parte do espaço temático. Noutras odes, como «O ritmo antigo que há em pés

descalços», é a dança que procede a essa ocupação simbólica. Isto é, a atividade artística, o exercício poético das formas é essencial na resposta neopagã de Ricardo Reis à efemeridade de tudo.

Encontramos ainda uma singular projeção da linha semântica do tempo sobre a do espaço, produzindo-se aquilo a que se poderia chamar uma espacialização do tempo. Assim, voltando à ode final, «Vivem em nós inúmeros», a subjetividade é figurada como um espaço interior onde tudo acontece como cenas num palco de teatro: «Sou somente o lugar / Onde se sente ou pensa». Ou como a passagem anónima de transeuntes num espaço aberto: «ignoro / Quem é que pensa ou sente».

Este «lugar» de acontecimentos vários em que se transforma o Eu que pensa ou sente resume-se, afinal, na soberania do estilo, na escrita dos versos impecavelmente arrumados e dominados, único «seguro assento» que pode haver, o da inscrição que perdura. A absoluta precisão do impreciso.

## XI

Temo, Lídia, o destino. Nada é certo.  
Em qualquer hora pode suceder-nos  
    O que nos tudo muda.  
Fora do conhecido é estranho o passo  
Que próprio damos. Graves numes guardam  
    As lindas do que é uso.  
Não somos deuses: cegos, receemos,  
E a parca dada vida antepoñamos  
    À novidade, abismo.

## XII

A flor que és, não a que dás, eu quero.  
Por que me negas o que te não peço?  
    Tempo há para negares  
    Depois de teres dado.  
Flor, sê-me flor! Se te colher avaro  
A mão da infausta esfinge, tu perene  
    Sombra errarás absurda,  
    Buscando o que não deste.

## ÍNDICE

<i>Prefácio</i> .....	7
-----------------------	---

### LIVRO PRIMEIRO

I Seguro assento na coluna firme.....	15
II As rosas amo dos jardins de Adónis .....	16
III O mar jaz; gemem em segredo os ventos .....	17
IV Não consentem os deuses mais que a vida .....	18
V Como se cada beijo .....	19
VI O ritmo antigo que há em pés descalços .....	20
VII Ponho na altiva mente o fixo esforço .....	21
VIII Quão breve tempo é a mais longa vida .....	22
IX Coroai-me de rosas.....	23
X Melhor destino que o de conhecer-se.....	24
XI Temo, Lídia, o destino. Nada é certo .....	25
XII A flor que és, não a que dás, eu quero.....	26
XIII Olho os campos, Neera .....	27
XIV De novo traz as aparentes novas .....	28
XV Este, seu 'scasso campo ora lavrando.....	30
XVI Tuas, não minhas, teço estas grinaldas.....	31
XVII Não queiras, Lídia, edificar no 'spaço .....	32
XVIII Saudoso já deste verão que vejo .....	33
XIX Prazer, mas devagar .....	34
XX Cuidas, ínvio, que cumpres, apertando.....	35

## OUTRAS ODES

Mestre, são plácidas .....	39
O deus Pã não morreu .....	42
Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.....	44
A palidez do dia é levemente dourada .....	46
Não tenhas nada nas mãos .....	47
Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo .....	49
Cada cousa a seu tempo tem seu tempo .....	50
Da nossa semelhança com os deuses.....	52
Só esta liberdade nos concedem .....	54
Da lâmpada noturna.....	55
Vós que, crentes em Cristos e Marias .....	56
Não morreram, Neera, os velhos deuses .....	58
Neste dia em que os campos são de Apolo.....	59
Anjos ou deuses, sempre nós tivemos .....	60
Acima da verdade estão os deuses.....	61
É tão suave a fuga deste dia .....	62
Tirem-me os deuses .....	64
Bocas roxas de vinho.....	66
OS JOGADORES DE XADREZ.....	67
Prefiro rosas, meu amor, à pátria.....	72
Felizes, cujos corpos sob as árvores.....	73
Segue o teu destino .....	74
Deixa passar o vento .....	76
Não a ti, Cristo, odeio ou te não quero .....	77
Sofro, Lídia, do medo do destino .....	78

Eu nunca fui dos que a um sexo o outro .....	79
Uma após uma as ondas apressadas .....	80
Manhã que raias sem olhar a mim.....	81
No momento em que vamos pelos prados.....	82
Na fuga inútil dos penosos dias.....	83
Um verso repete.....	84
Tornar-te-ás só quem tu sempre foste. ....	85
Cada um cumpre o destino que lhe cumpre .....	86
Quero versos que sejam como joias .....	87
Vossa formosa juventude leda .....	88
Não canto a noite porque no meu canto .....	89
Não quero recordar nem conhecer-me .....	90
A abelha que, voando, freme sobre.....	91
Dia após dia a mesma vida é a mesma.....	92
Pequena vida consciente, sempre.....	93
Tão cedo passa tudo quanto passa!.....	94
Se hás de ser o que choras .....	95
Sob a leve tutela.....	96
Meu gesto que destruí.....	97
O merecer e o receber não têm.....	98
Com que vida enchei os poucos breves.....	99
Não só vinho, mas nele o olvido, deito.....	100
Já sobre a fronte vã se me acinzenta.....	101
Quanta tristeza e amargura afoga .....	102
Frutos, dão-os as árvores que vivem .....	103
Gozo sonhado é gozo, ainda que em sonho .....	104

Solene passa sobre a fértil terra.....	105
Atrás não torna, nem, como Orfeu, volve.....	106
A nada imploram tuas mãos já coisas .....	107
Aquí, dizeis, na cova a que me abeiro .....	108
Floresce em ti, ó magna terra, em cores.....	109
Quantos gozam o gozo de gozar.....	110
O sono é bom pois despertamos dele .....	111
O rastro breve que das ervas moles.....	112
Vou dormir, dormir, dormir .....	113
Dois é o prazer: gozar e o gozá-lo .....	114
Tudo que cessa é morte, e a morte é nossa .....	115
Negue-me tudo a sorte, menos vê-la .....	116
Se recordo quem fui, outrem me vejo.....	117
Quando, Lídia, vier o nosso outono.....	118
Ténue, como se de Eolo a esquecessem .....	119
O que sentimos, não o que é sentido.....	120
Não sei se é amor que tens, ou amor que finges.....	121
Não só quem nos odeia ou nos inveja .....	122
Quem és, não o serás, que o tempo e a sorte .....	123
Tudo, desde ermos astros afastados .....	124
Outros com líras ou com harpas narram .....	125
Se a cada coisa que há um deus compete .....	126
No grande espaço de não haver nada.....	127
Severo narro. Quanto sinto penso .....	128
Nada fica de nada. Nada somos .....	129
Para ser grande, sê inteiro: nada .....	130

Rasteja mole pelos campos ermos.....	131
Cada dia sem gozo não foi teu.....	132
Estás só. Ninguém o sabe. Cala e finge.....	133
Uns, com os olhos postos no passado.....	134
Aguardo, equânime, o que não conheço .....	135
Amo o que vejo porque deixarei.....	136
Vivem em nós inúmeros .....	137
Aos deuses peço só que me concedam .....	138
<i>Notas</i> .....	139